

# ICONICIDADE NA VARIAÇÃO DA ORDEM DAS PALAVRAS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: MOTIVAÇÃO SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA

## ICONICITY IN WORD ORDER VARIATION IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: SEMANTIC AND PRAGMATIC MOTIVATION

Daiana do Amaral Jeremias 1  
Aline Lemos Pizzio 2

**Resumo:** Neste artigo, investigamos manifestações icônicas que licenciam a topicalização de elementos em ordens SOV e OSV em detrimento da ordem canônica na língua de sinais brasileira SVO em construções sintáticas com o verbo TER. Adotamos pressupostos teóricos em interface cognitiva-funcional. Nesta perspectiva, a língua é concebida como simbólica, na qual a iconicidade submerge da gramática. Nesta configuração, há fatores icônicos atuando, fortalecendo ou desfortalecendo uma determinada ordem. Estabelecemos como metodologia a coleta e análise de 4 vídeos de entrevistas, disponíveis no corpus da língua de sinais brasileira (Corpus Libras UFSC). Como parâmetro de análise, selecionamos 3 manifestações icônicas como variáveis motivadoras para compreender a produção das ordens topicalizadas produzidas neste verbo. Dentre estas variáveis, duas são de natureza semânticas e uma de natureza pragmática. Como resultado, identificamos que estas variáveis estão presentes como um elemento gramatical regular na construção da ordem dos elementos de uma unidade sintática.

**Palavras-chave:** Iconicidade. língua de sinais brasileira. semântica. pragmática.

**Abstract:** In this paper, we investigate iconic manifestations that license the topicalization of elements in SOV and OSV orders instead of SVO canonical order in Brazilian sign language in syntactic constructions with the verb TER. We adopt theoretical assumptions in cognitive-functional interface. In this perspective, language is understood as symbolic, in which iconicity is submerged in grammar. In this configuration, there are iconic factors acting to strengthening or weakening a particular order. We established as a methodology the collection and analysis of 4 interview videos, available in the Brazilian sign language corpus (Corpus Libras UFSC). As an analysis, we selected 3 iconic manifestations as motivating variables to understand the production of topicalized orders produced in this verb. Among these variables, two are semantic in nature and one pragmatic in nature. As a result, we have identified that these variables are present as a regular grammatical element in constructing the order of the elements of a syntactic unit.

**Keywords:** Iconicity. Brazilian Sign Language. semantics. pragmatic.

---

Universidade Federal de Santa Catarina. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5644-4231>. Email: daianaah@hotmail.com | 1

Universidade Federal de Santa Catarina. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7482-493X>. Email: alinelemospizzio@gmail.com | 2

## Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar manifestações icônicas que favorecem a topicalização de elementos sintáticos representados em ordens SOV e OSV em detrimento da ordem canônica SVO na língua de sinais brasileira. Segundo a literatura da área, a topicalização em Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004) apresenta algumas regularidades formais. Contudo, nossa proposta se inscreve em uma vertente teórica funcional cognitiva, a qual tem como escopo de pesquisa e análise a função da língua enquanto instrumento de comunicação que visa alcançar propósitos comunicativos. Nesta perspectiva, a língua é concebida como simbólica, na qual a iconicidade submerge da gramática e é reconhecida como um fenômeno recorrente nas expressões linguísticas e não como uma concepção oposta à arbitrariedade do signo; nessa proposta funcional, a língua não é interpretada como um sistema autônomo, mas antes como uma questão de “construal”, em outras palavras, interpretação do sinalizante da cena verbal. Portanto, utilizamos como referência a iconicidade diagramática, cujas formas que compõem um diagrama simbólico são correlatas às formas dos elementos que compõem uma unidade sintática. Nesta configuração, diferentes fatores icônicos de natureza semântica e pragmática podem atuar, seja em conflito ou em conjunto, fortalecendo ou desfortalecendo uma determinada ordem.

Para tanto, visando um estudo sobre a natureza icônica da ordem das palavras, bem como os fatores atuantes em uma determinada ordem, utilizamos como expoentes teóricos autores funcionalistas e cognitivistas que estabelecem um diálogo de pressupostos; em outras palavras, que sustentam a pressuposição de que a língua é motivada e predominantemente icônica. Dentre os principais expoentes, citamos Haiman (1980; 1985), Givón (1995) e Langacker (1987; 1991a; 1991b; 2008; 2013) entre outros que complementarão de algum modo a nossa proposta.

Dividimos este trabalho em 3 seções principais. Primeiro, trataremos, algumas considerações sobre como o conceito de iconicidade é abordado para explicar algumas características linguísticas dentro da gramática da Libras. Segundo, apresentaremos o referencial teórico que embasa nossa proposta, buscando trazer a interface funcionalismo/cognitivismo, bem como as construções conceptuais que subjazem a ordem canônica e a topicalizada. Em terceiro, estabelecemos como metodologia a coleta e análise de 4 vídeos de entrevistas com surdos de referência, disponíveis no corpus da língua de sinais brasileira (Corpus Libras UFSC). Estabelecemos um protótipo de análise com o verbo TER na Libras, no qual catalogamos todas as ocorrências e estabelecemos 3 manifestações icônicas como variáveis motivadoras para compreender a produção das ordens topicalizadas produzidas neste verbo. Dentre estas variáveis, categorizamos duas de natureza semântica, que são a imperfectividade do verbo e a extensão não contável do objeto; outra de natureza pragmática discursiva, que é a proeminência.

## Iconicidade na sintaxe da Libras

A língua de sinais brasileira, a Libras, foi reconhecida legalmente como língua natural muito recentemente, em 2002, pela lei no 10.436. Contudo, antes desta data, estudos sobre a estrutura das línguas de sinais já haviam sido desenvolvidos, principalmente sobre a ASL, língua de sinais americana, por vários autores. As pesquisas no âmbito linguístico se iniciaram com Stokoe (1960) e posteriormente por outros autores tais como Battison (1974), Klima e Bellugi (1979), Liddell (1980), Padden (1988), Supalla (1986). No Brasil, antes de 2002, destacamos os trabalhos de Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995) e Quadros (1995, 1999). No Brasil, os estudos acerca dessa língua são consideravelmente recentes e não muito numerosos, se comparados com as outras línguas as quais a Libras divide espaço. Contudo, é inegável a curiosidade despertada em estudiosos e pesquisadores sobre a estrutura desta língua visual espacial e sua rica natureza icônica.

Dentro da perspectiva de estudo que propomos, a iconicidade se encaixa como um princípio recorrente dentro da gramática das línguas de sinais, pois se manifesta como uma motivação entre forma e significado no nível lexical e sintático. Pela gramática cognitiva, léxico, sintaxe e discurso representam um contínuo, no qual não há uma divisão estreita (LANGACKER,

1987; 1991a; 1991b; 2008; 2013). A iconicidade que propomos analisar e descrever é onipresente nas línguas (HAIMAN, 1980); contudo, a forma como concebê-la e compreendê-la em cada uma delas requer um olhar analítico que adequa a forma e a função às peculiaridades da modalidade em questão.

Vários autores, tais como Cuxac (1996), Cuxac e Sallandre (2007) Taub (2004), Wilcox (2004) entre outros, já abordaram a iconicidade na língua de sinais, porém, majoritariamente sob o escopo da imagem, baseado na forma dos sinais. Em casos bem específicos, mencionaram a ocorrência do fenômeno no nível da sentença. Apesar de não ser de grande ocorrência na literatura, a motivação sob uma perspectiva sintática é uma outra forma muito produtiva de pensar e analisar a iconicidade nas línguas de sinais. A saber, há duas formas de pensar este princípio, pela lógica do ícone e pela lógica do diagrama. Tanto uma como a outra se manifesta como a motivação entre forma e função. A iconicidade do ícone é correlata ao item lexical, nesse caso a um sinal individual; já a iconicidade do diagrama, que será nosso foco de análise, é correlata a uma sentença, considerando a relação entre os constituintes.

Apesar de não encontrarmos muitos estudos mais substanciais referentes à iconicidade na sintaxe da Libras, autores como Cuxac (1996), Cuxac e Sallandre (2007) Taub (2004), Wilcox (2004) Padden (2013), Meir et al (2013) já desenvolviam e apresentavam pressupostos que designavam a presença da iconicidade em sentenças de línguas de sinais. Suas propostas eram correspondentes às classificações funcionalistas/cognitivistas, que são abordagens que permitem essa concepção de iconicidade como motivação entre forma e significado de um ícone ou de um diagrama. Para alguns destes autores, a:

“Iconicidade é uma relação de semelhança ou similaridade entre dois domínios: forma (fonologia) e significado (semântica). “Forma” pode se referir a segmentos fonológicos que compreendem o sinal (iconicidade imagética), mas também ao modo em que elementos linguísticos são organizados com respeito um ao outro (iconicidade diagramática). “Significado” se refere tanto ao significado lexical quanto a funções mais abstratas e gramaticais, tais como pluralidade, anterioridade e outras” (MEIR et al., 2013, p. 312-3)<sup>1</sup>.

Meir et al. (2013) examinaram o papel da iconicidade na estruturação das gramáticas. A proposta dos autores é de que gramática não suprime a iconicidade, muito pelo contrário, a iconicidade emerge da gramática. Outro destaque é que esta motivação pode se manifestar sob diferentes formas. Podemos inferir a iconicidade pela ordem dos elementos da sentença. Segundo Meir et al. (2013), a iconicidade nas línguas naturais é fundamentada na experiência humana, no modo como o falante incorpora suas experiências no mundo e as expressa na língua, seja através de palavra ou asserções. Nesse cenário de pesquisa, a gramática das línguas naturais suporta tanto a iconicidade, quanto a arbitrariedade.

A visão dos autores sobre iconicidade vai ao encontro de pressupostos mais gerais da gramática cognitiva, principalmente no que se refere à concepção da proeminência, que corresponde ao ponto de vista tomado pelo falante na expressão linguística, a escolha de uma perspectiva em detrimento de outra e uma relação entre figura e fundo (LANGACKER, 2008). Um evento pode ser construído a partir de diferentes perspectivas, a depender do ponto de vista que se cria mediante a correlação entre figura/fundo.

Além disso, diferentes tipos de iconicidade podem se manifestar na língua, alguns tipos podem co-ocorrer ou concorrer entre si.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa, no original: “Iconicity is a relationship of resemblance or similarity between two domains: form (phonology) and meaning (semantics). “Form” can refer to phonological segments that comprise the sign (imagic iconicity), but also to the way linguistic elements are organized with respect to each other (diagrammatic iconicity).<sup>3</sup> “Meaning” refers to lexical meaning as well as to more abstract and grammatical functions, such as plurality, anteriority and others.” (MEIR et al., 2013, p. 312-3).

“Nosso estudo indica que algumas vezes as línguas são como são não apenas porque usam iconicidade, mas porque resolvem de forma específica a competição entre diferentes tipos de iconicidade. A interação entre iconicidade e língua também lança luz na natureza da língua. Primeiro, línguas são oportunistas; elas tiram vantagem de quaisquer recursos que estejam disponíveis para elas. O corpo é um recurso tão conveniente porque ele está lá em um evento comunicativo, provendo uma rica gama de possibilidades para propósitos representacionais, e o conhecimento dessas correspondências referenciais é parte de nosso dote enquanto humanos com corpos (MEIR et al, 2013, p 339-40)<sup>2</sup>.”

Desse modo, podemos identificar iconicidade em sentenças transitivas, quer seja em sua ordem canônica, quer seja em sua ordem topicalizada e, a depender do contexto semântico e pragmático, elas podem entrar em conflito, uma em detrimento da outra. Com isso, há diferentes fatores semânticos atuando nestas diferentes manifestações de motivação, indicando que nas línguas naturais, a iconicidade é recorrente e submerge da gramática. Neste artigo, investigaremos alguns fatores semânticos e pragmáticos que motivam construções de tópico em detrimento de construções de ordem SVO, imprimindo, juntamente, motivações correlacionadas com a perspectiva que o falante adota da cena comunicativa. Contudo, antes de nos adentrarmos na proposta pretendida, precisamos compreender antes de tudo a concepção de iconicidade diagramática. Para tanto, adotamos o conceito sob o escopo do funcionalismo e cognitivismo.

### Iconicidade: diagramática

A iconicidade é um fenômeno que foi abordado pela teoria semiótica, tendo como principal expoente o filósofo norte americano Charles S. Peirce (1932). Peirce propôs uma divisão entre os dois modos em que a iconicidade pode se apresentar: i) iconicidade imagética; ii) iconicidade diagramática. A primeira refere-se ao potencial semiótico da “imagem” e sua correlação direta com a representação no mundo. Aqui se pressupõe uma relação unilateral entre forma e significado, como por exemplo, uma foto, uma estátua, e alguns sinais da Libras. A segunda refere-se a um signo complexo, no qual as relações entre as partes de um diagrama têm alguma relação com as partes dos conceitos que a representam (HAIMAN, 1985). Adotando este princípio para o estudo da sintaxe das línguas humanas, Haiman (1980; 1985) assume que as línguas são como diagramas. Nessa proposição, os arranjos sistemáticos de signos não apresentam uma relação exata com seu referente (TAUB, 2004).

O diagrama corresponde a um signo complexo; logo, se pensarmos que o princípio da iconicidade se baseia na correlação entre forma e sentido, podemos pensar que esse signo complexo evoca um conceito complexo. O diagrama, então, seria composto por partes e cada uma delas está relacionada aos conceitos que representam no mundo.

O diagrama é composto e pode pressupor uma transparência menor. Na teoria de Haiman (1985), as partes que compõem o diagrama são símbolos. Se fizermos uma conexão com a natureza das línguas naturais, as palavras são simbólicas, e a gramática, ou seja, o conjunto de regras que regem o funcionamento de uma língua são estruturas simbólicas e diagramaticamente icônicas (Haiman, 1985).

Compreendemos que a motivação entre forma e significado de um ícone é proporcional à motivação entre a forma e o significado de um diagrama. O diagrama representa uma relação

---

<sup>2</sup> Tradução nossa, no original: “Our study indicates that sometimes languages are the way they are not only because they use iconicity, but because they resolve in a specific way the competition between different types of iconicity. The interaction between iconicity and language also sheds light on the nature of language. First, languages are opportunistic; they take advantage of whatever resources are available to them. The body is such a handy resource because it is there in a communicative event, providing a rich array of possibilities for representational purposes, and knowledge of these referential correspondences is part of our cognitive endowment as humans with bodies. (MEIR et al, 2013, p 339-40)”

de motivação entre as suas partes e a representação dessas partes no mundo, em outras palavras, as partes constituintes do diagrama vão revelar algo sobre a realidade delas no mundo. Haiman (1985) interpreta o ícone diagramático como as estruturas das línguas naturais. Assim, uma sentença de uma dada língua será equivalente a um diagrama se as partes que constituem essa estrutura representem no mundo os significados das formas que elas evocam. Agora, para entender como essa relação se desenrola, é preciso identificar como a língua pode ser interpretada dentro das partes do diagrama e quais os tipos de motivação que as estruturas das línguas naturais estão adaptadas. Neste artigo abordaremos pelo menos duas formas as quais estão correlacionadas a ordem das palavras.

## A Distância conceptual

A iconicidade, segundo os pressupostos teóricos que abordamos, pode ser caracterizada pela distância conceptual entre as formas dos elementos de uma sentença e o significado que elas evocam (HAIMAN, 1980). Ela pode ser revelada pelo nível de transitividade do predicador, mais especificamente, pelo nível de proximidade entre os argumentos. Quanto menor a distância entre o verbo e o objeto a sua esquerda, em outras palavras, quanto mais próximos eles estão na sentença, maior é a relação de transitividade, e mais icônica é a construção. Este tipo de motivação tem relação com a ordem canônica da maioria dos verbos transitivos das línguas naturais, cuja organização prototípica é SVO, ou seja, sujeito + verbo + objeto, nesta ordem.

“A hipótese da motivação, todavia, faz uma previsão adicional, de que a diferença em forma vai corresponder de algum modo à diferença em significado. Especificamente aqui, quanto maior a distância formal entre X e Y, maior a distância conceitual entre a noção que eles representam” (HAIMAN, 1985, p. 106)<sup>3</sup>.

Dentro de uma perspectiva funcionalista, “a transitividade é uma propriedade central do uso da linguagem” (HOPPER; THOMPSON, 1980, p.251). Estes autores sugerem parâmetros escalares de transitividade, os quais são contextualmente determinados; dentre eles, selecionamos, em um nível mais semântico, a noção aspectual do verbo e a individualização estabelecida pela delimitação contável e incontável do objeto. Seguindo a lógica desta proposta, eventos télicos e objetos individualizados através de algum marcador quantificacional favorecem sentenças transitivas. Desta noção, inferimos que eventos atélicos e objetos incontáveis enfraquecem a transitividade, licenciando construções topicalizadas. Por exemplo, na Libras, a ordem canônica é SVO, mas outras ordens podem ser derivadas, tais como SOV e OSV, indicando uma manifestação icônica diferente. Acreditamos que a não mensuração do evento e não delimitação quantificacional do objeto favorecem ordens topicalizadas, submergindo uma iconicidade de nível semântico e pragmático.

## A estrutura topicalizada

Para ilustrar a motivação sintomática das construções topicalizadas, Haiman (1980) utiliza como base a proposta original de Jakobson (1966), na qual a ordem dos eventos dispostos em uma sentença evoca a ordem temporal na qual eles ocorreram. Jakobson (1966) usou como exemplo a famosa frase proferida por César: “Veni, vidi, vici”, inferindo que a ordem das palavras evocaria a ordem em que as ações foram realizadas, ou seja, que primeiro César “veio”, segundo “viu”, terceiro “venceu”.

<sup>3</sup> Tradução nossa, no original: “The motivation hypothesis, however, makes a further prediction, namely that the difference in form will correspond in some way to the difference in meaning. Specifically here, the greater the formal distance between X and Y, the greater the conceptual distance between the notion they represent” (HAIMAN, 1985, p. 106).

Estendendo esta lógica para o estudo das estruturas das línguas naturais, Haiman (1980) propôs que a ordem dos elementos é também paralela às experiências físicas e intencionais dos falantes, proposição que também é adotada por Greenberg (1966). Deste modo, derivações oriundas de uma determinada ordem canônica são manifestações icônicas. Por exemplo, toda língua natural tem uma ordem canônica, no caso da Libras, é SVO. Desta ordem, outras podem ser derivadas, tais como OSV e SOV.

Esta variação não é aleatória, é icônica, pois a forma em que foram expressas evoca o significado subjetivo (LANGACKER, 1985) e objetivado construído pelos falantes. Esta interpretação é possível, pois Haiman (1980; 1985), assim como Langacker (LANGACKER, 1987; 1991a; 1991b; 2008; 2013) concebe a língua como um conjunto de estruturas simbólicas, na qual as expressões linguísticas são motivadas por fatores estruturais, físicos e contextuais. Givón (1985) também partilha desta tese sobre a iconicidade da ordem das palavras, atribuindo um princípio que ele também denomina como um processamento psicológico-pragmático: “realize primeiro a tarefa mais urgente” (GIVÓN, 1985, p.198)<sup>4</sup>.

Deste modo, podemos inferir que há diferentes fatores icônicos atuantes. Eles podem ser de natureza semântica e/ou natureza pragmática. Por exemplo, no nível do significado, características aspectuais do verbo e contorno (in) contável do objeto podem estar atuando como motivações. No nível discursivo, o princípio da proeminência, do item considerado subjetivamente mais importante, pode favorecer que elementos sejam deslocados para uma posição primária. Esta correlação estabelece laços estreitos entre a forma e função da gramática, bem como o conteúdo conceptual subjacente a esta relação.

## Interface funcionalismo e Cognitivismo

Visando uma descrição da natureza das motivações atuantes na ordem das palavras em sentenças da língua de sinais brasileira, adotamos pressupostos da linguística cognitiva, mais especificamente da gramática cognitiva de Ronald Langacker (LANGACKER, 1987; 1991a; 1991b; 2008; 2013), que se apresenta como um contínuo conceptual dos fundamentos do funcionalismo. Segundo este pressuposto, a transitividade e as construções topicalizadas estão correlacionadas com fatores intra e extralinguísticos, em um contínuo no qual a motivação é onipresente. Nas unidades linguísticas, há uma noção central identificada como “construal” que se manifesta através da perspectiva e da proeminência que o falante cria na cena comunicativa.

A linguística cognitiva não é uma teoria da língua, mas um conjunto de teorias (Gee-raerts; Cuyckens, 2007), nas quais algumas delas possuem alta correspondência de ponto de vista entre os estudiosos envolvidos. Para análise da natureza do princípio da iconicidade sintática, utilizaremos pressupostos da gramática funcional e da cognitiva. “A gramática cognitiva pertence ao movimento mais amplo conhecido como linguística cognitiva, que por sua vez é parte da tradição funcional” (LANGACKER. 2013, p. 7)<sup>5</sup>. Dentro do que propomos analisar, avaliamos que há um forte diálogo entre esses conjuntos de teorias o que nos ajudará a compreender a proposta de análise e descrição dessa investigação.

“No funcionalismo, a linguística cognitiva se sobressai por enfatizar a função semiológica da língua. Ela reconhece completamente a fundamentação da língua na interação social, mas insiste que mesmo sua função interativa é criticamente dependente da conceitualização” (idem, p 7-8)<sup>6</sup>.

4 Tradução nossa, no original: “Attend first to the most urgent task” (GIVÓN, 1985, p.198)

5 Tradução nossa, no original: “Cognitive Grammar belongs to the wider movement known as cognitive linguistics, which in turn is part of the functional tradition” (LANGACKER. 2013, p. 7).

6 Tradução nossa, no original: “Within functionalism cognitive linguistics stands out by emphasizing the semiological function of language. It fully acknowledges the grounding of language in social interaction, but insists that even its interactive function is critically dependent on conceptualization.” (idem, p 7-8).

A gramática cognitiva, enquanto uma teoria da gramática, é uma vertente teórica que concebe o sistema linguístico das línguas naturais sob o escopo da motivação. Nela, os significados são conceptualizações associadas a expressões linguísticas (LANGACKER, 2013). Segundo o autor, apesar dessa afirmação assumir uma explicação óbvia, ela vai contra os estudos gramaticais padrões, pois busca uma visão conceptual do significado. Ao contrário de alguns estudos que tratam a gramática da língua humana como sendo modular, a proposta cognitiva de Langacker (LANGACKER, 1987; 1991a; 1991b; 2008; 2013) prevê que as conceptualizações das expressões são fundamentadas na realidade física: “ela consiste em atividade do cérebro, que funciona como parte integral do corpo, que funciona como parte integral do mundo” (LANGACKER, 2013, p. 4). Dessa maneira, pressupõe-se que os significados linguísticos, além de representados estruturalmente, também são fundamentados na interação social, uma negociação entre locutor e interlocutor, baseada na experiência de mundo e na avaliação mútua de seus conhecimentos, intenções e compreensões da cena no meio. Nesta configuração, aspectos da gramática das línguas humanas estão diretamente correlacionados com aspectos da realidade. Logo, investigaremos como características referentes ao tempo do evento, à quantificação do objeto, e a proeminência discursiva estão relacionados aos nossos propósitos comunicativos, implícitos na ordem das palavras que produzimos no discurso.

### Metodologia e Análise de dados

Ao longo das seções, depreendemos que a iconicidade emerge da gramática e pode se manifestar de diferentes formas. A forma topicalizada enquanto um diagrama evoca significados sintomáticos da ordem das partes que o compõem. Nesta proposta, acreditamos que pelo menos três variáveis estão atuando em competição para derivar ordens SOV e OSV:

- i) O aspecto imperfectivo do verbo. Variável semântica.
- ii) A dimensão não contável da massa do objeto. Variável semântica.
- iii) A perspectiva de proeminência. Variável pragmática.

Através destas variáveis, tentaremos identificar a (s) iconicidade (s) atuante (s) nas construções topicalizadas em detrimento da transitiva SVO. Visando delimitar nosso escopo de análise optamos por analisar a ocorrência da variação de ordem de apenas um verbo, o verbo TER em sua forma afirmativa e negativa. Acreditamos que o modelo detalhado de análise que propomos para este verbo servirá de base para a compreensão da nossa proposta de pesquisa. A escolha pelo sinal TER não foi aleatória e decorreu por diferentes justificativas: a) É um verbo de categoria simples (seleciona argumentos, mas não flexiona); b) É um verbo transitivo; c) Alta produtividade. Ao longo das análises foi o verbo mais sinalizado durante os vídeos das entrevistas; d) Apresenta variabilidade na ordem dos elementos.

### Corpus

Nossa proposta segue uma abordagem funcionalista/cognitivista, portanto, a escolha do corpus foi motivada, primordialmente, pela função da língua e pela forma como ela se manifesta de modo natural no uso discursivo. Concebemos a língua como simbólica e comunicativa, ou seja, como uma produção intuitiva, espontânea e genuína. Buscando analisar uma produção natural na língua de sinais, sem manipulação da produção de frases para propósitos científicos, extraímos os dados de 4 vídeos disponíveis no corpus da língua de sinais brasileira (Corpus Libras UFSC).

Escolhemos quatro vídeos de entrevistas, com diferentes participantes surdos. Em todas as entrevistas foram feitas as mesmas perguntas para os entrevistados, pelo mesmo entrevistador (também surdo). A escolha por este número de vídeos foi motivada pela possibilidade de comparação entre as produções topicalizadas do verbo TER entre os sujeitos envolvidos, principalmente por dividir o mesmo contexto temático de entrevista. Como vimos, estabelecemos variáveis semânticas e pragmáticas para identificar os fatores icônicos que desfavorece uma ordem transitiva como SVO. Estes critérios serão aplicados em todos os vídeos analisados. Contudo, como o critério pragmático da perspectiva de proeminência é uma motivação subjetiva, acreditamos que a comparação com diferentes informantes poderá nos fornecer algum

esclarecimento acerca desta variável. Gostaríamos de ressaltar que, apesar de nossa análise destacar as ocorrências de tópico, não ignoraremos as ocorrências em SVO, principalmente se estas construções apresentarem alguma outra variável marcada.

Visando uma análise detalhada das ocorrências, utilizamos como ferramenta o Software ELAN, um programa desenvolvido pelo instituto de psicolinguística Max Planck que permite a anotação, descrição, transcrição entre outras funções para arquivos de áudio e vídeo. No caso das línguas de sinais, cuja produção é manual e o registro é em vídeo, esta ferramenta auxilia através de seu modo sistematizado e detalhado na aplicação das pesquisas destas línguas.

Nossa coleta de dados consistiu da seguinte maneira:

i) Dentro de um determinado contexto, analisamos e recortamos (em imagens) as ocorrências do verbo TER, conforme foram produzidas em vídeo durante a entrevista;

ii) Classificamos cada uso conforme a ordem em que foram produzidos e o seu número de ocorrências;

iii) Recortamos algumas sentenças como forma de ilustração das variáveis propostas, em que cada sinal da sentença selecionada foi disposto lado a lado, exatamente na ordem em que os sinais foram reproduzidos.

Priorizamos a análise de unidades sintáticas com o verbo TER que apresentam as seguintes características:

Ordens SVO, SOV e OSV: para distinguirmos a oposição ordem canônica x topicalização do objeto.

Presença de pelo menos um argumento explícito. Quando um dos argumentos tenha sido depreendido implicitamente, representaremos a ordem das seguintes maneiras: (S)V(O) e (S)OV, quando a função sintática de sujeito não estiver explícita na unidade sintática; SV(O) quando o objeto está implícito.

## **Análise quantitativa dos dados**

Seguindo uma análise quantitativa dos usos do verbo TER, observamos que não há uma uniformidade entre os sinalizantes no que concerne às ordens SVO, SOV e OSV. Dentre os quatro vídeos analisados, um informante produziu mais sentenças topicalizadas ao invés da ordem canônica, outro usou transitivas e topicalizadas (em menor número), outro só usou SVO, e outro usou predominantemente ordem canônica e um uso topicalizado. Lembrando que as perguntas realizadas foram as mesmas para todos os entrevistados, ou seja, o mesmo contexto temático.

Apresentaremos em tabela, os números referentes às ordens produzidas por cada sinalizante e na seção seguinte, analisaremos os dados buscando as variáveis aspectuais do verbo e da delimitação incontável do objeto e, por fim, tentaremos depreender a variável mais subjetiva, que é a da proeminência, buscando uma sistematização proporcional ao que os dados nos informam.

Dentre os dados coletados referentes ao verbo TER, estruturamos em tabelas, apresentando o informante em questão, abreviado por uma letra aleatória, seguida a informação do tempo da entrevista. Na coluna à esquerda, estará representado o tipo de ordem e, à direita, o número de ocorrências:

**Tabela 1**

INFORMANTES							
A		B		C		D	
Ordem	Nº Usos	Ordem	Nº Usos	Ordem	Nº Usos	Ordem	Nº Usos
SVO	5	SVO	3	SVO	3	SVO	2
(S)VO	7	(S)VO	8	(S)VO	12	(S)VO	12
SOV	1	(S)OV	11	SV(O)	1	OSV	1
(S)OV	3	OSV	1	OSV-SOV	0	SOV	0

No total foram 71 ocorrências com o verbo TER, distribuídos em: 54 reproduzidas na ordem canônica e 17 na ordem topicalizada. Dentre as sentenças topicalizadas, 2 eram OSV e 15 SOV. De acordo com a análise que extraímos do número de ocorrências com o verbo TER, a variabilidade na ordem não é regular entre os informantes, dos quatro, três produziram unidades sintáticas em maior número na ordem canônica e apenas um produziu um número maior em ordem topicalizada. Destacamos que este último foi o sujeito que mais fez uso do sinal TER.

Desde o início, já tínhamos a intuição de que o verbo TER, enquanto verbo transitivo, se apresentaria em uma construção sintática em sua ordem canônica, pois é a ordem prototípica da língua de sinais brasileira, contudo, este predicado, assim como outros, pode ser produzido em uma ordem topicalizada. E, dentro de uma visão funcionalista cognitivista, esta variação de ordem não é aleatória, pode ser gramaticalmente motivada. Suspeitamos que esta variação pode estar relacionada com a não mensuração de fatores aspectuais do verbo e do objeto e em última instância à perspectiva de proeminência por uma ordem ou outra. Desse modo, mesmo que a ordem topicalizada não seja a mais produzida por todos, ela pode ser semanticamente e pragmaticamente icônica.

### **Análise qualitativa dos dados: investigando o comportamento das motivações semânticas e pragmáticas**

O aspecto do verbo é uma questão de construal, ou seja, como o sinalizante constrói ou interpreta uma cena verbal. A pontualidade do verbo vai depender de como ele organiza o discurso, podendo utilizar elementos contextuais que indiquem uma pontualidade ou não do evento. Na Libras, segundo pesquisa desenvolvida por Finau (2004), além do uso de marcadores temporais, tais como os advérbios HOJE, AGORA, PASSADO, FUTURO entre outros, ela destacou que a composicionalidade entre tempo e aspecto é bastante significativa, pois o tempo pode ser compreendido por expressões dêiticas, tais como apontamento no espaço neutro, visando uma localização temporal bem específica. Outro ponto destacado pela autora e que também vai ao encontro dos pressupostos teóricos que adotamos ao longo de todo o texto, é a questão da possibilidade de o conhecimento compartilhado fazer parte da restrição temporal na Libras

“de que a leitura de tempo e aspecto pode ser estabelecida por pressuposições pragmáticas, por meio de implicatura conversacional generalizada. Desse modo, a investigação da referência temporal/aspectual, na LIBRAS, considerou que informações sobre essas categorias são expressas, indiretamente, na estrutura linguística”. (FINAU, 2004, p.223).

Este apontamento é pertinente dentro da nossa análise, visto que os dados decorrem no tempo através do discurso. Além disso, a temática das entrevistas faz com que os informantes retomem eventos realizados no passado, podendo delimitar uma perfectividade ou imperfectividade do aspecto verbal de TER. Nesta lógica, tentaremos identificar se o comportamento aspectual do verbo se apresenta de forma imperfectiva, corroborando a hipótese de que a não pontualidade licenciaria a topicalização do objeto para uma posição antes do verbo.

Seguindo a mesma classificação, a delimitação contável e incontável de uma massa é também uma questão de construal; portanto, tudo dependerá de como o sinalizante constrói e interpreta a cena, podendo estabelecer elementos quantificadores que delimitariam a extensão de um objeto. Na Libras, Finau (2014) também identificou elementos quantificadores para estabelecer uma delimitação contável e incontável na estrutura da língua de sinais brasileira, tanto elementos que indiquem definição como indefinição, tais como os sinais TUDO, VÁRIOS, MUITO, ÚNICO etc. Além destes elementos, há a marcação explícita de número (1, 2, 3...) que se comporta como uma delimitação contável do objeto. A quantificação na Libras também pode estar incorporada no próprio sinal, e na repetição do sinal do objeto no espaço.

Neste momento, vamos apresentar as sentenças topicalizadas e os argumentos envolvidos, buscando classificar e identificar o comportamento aspectual do verbo e em que medida há ou não uma delimitação contável ou incontável. Abaixo, apresentamos algumas características das sentenças topicalizadas que foram identificadas<sup>7</sup>, exibindo sua glosa, resumo de seu contexto de produção e sua tradução, analisando por bloco segundo cada informante,

Informante A

1) SOV: <VESTIBULAR INTÉRPRETE TER>: local passado.

Tradução: No vestibular, intérprete tinha.



2) (S)OV: <(S) VAGA INSCREVER DISCIPLINA NÃO TER>: local passado.

Tradução: (s) vaga para se inscrever na disciplina não tinha.



Outras unidades sintáticas semelhantes ao exemplo número dois:

a) (S)OV: <(S) LEI NÃO TER (duplicação de mão)>: referência à época em que não tinha lei nº 10.436.

Tradução: (s) lei não tinha.

<sup>7</sup> Nas sentenças em imagens, para dar destaque ao sinal, poderemos escolher ângulos diferentes dos vídeos.



3) SOV: < IX(universidade)<sup>8</sup> PROFESSOR TER.>: referente ao local (escola frequentada no passado).

Tradução: A universidade tinha professor.



Neste bloco de sentenças topicalizadas produzidas pelo sinalizante A, o verbo TER, dentro dos contextos analisados, apresentou comportamento imperfeito, pois apesar de o evento estar localizado no passado, há ideia de recorrência naquele determinado tempo, não era pontual, não apresentava a ideia de fim marcado para o evento.

A mesma análise pode ser aplicada para os objetos INTÉRPRETE, VAGA, LEI, PROFESSOR que não apresentaram nenhuma marcação quantificacional, foram produzidos como elementos genéricos.

Nenhuma das unidades sintáticas topicalizadas apresentou alguma delimitação, seja para o evento do verbo, ou para delimitação contável do objeto.

Em contrapartida, algumas unidades, produzidas em ordem canônica SVO, apresentavam alguma noção quantificacional do objeto, como nos exemplos:

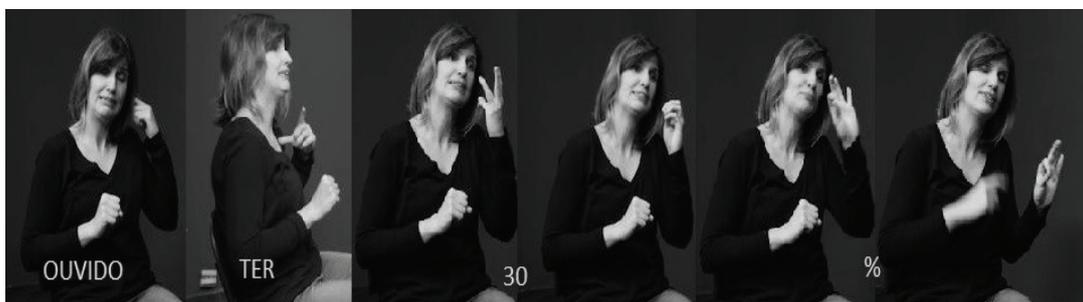
4) (S)VO: < (S) TER SINAL (repetido)>: sobre primeiro contato com escola bilíngue, onde tudo tinha sinal para nomear coisas.

Tradução: (s) tinha sinal para todas as coisas...



<sup>8</sup> Na pesquisa, o elemento IX é empregado na glosa para denominar os pronomes dêiticos produzidos nos vídeos. No exemplo ilustrado, utilizamos DEM no vídeo como um item análogo ao pronome pessoal, pois nos vídeos não é possível precisar se o referencial é um pronome pessoal ou espacial, então utilizamos DEM, de forma geral, como modo de representar o argumento realizado.

5) SVO: < OUVIDO ESQUERDO TER 30%>: sobre diagnóstico de audição.  
Tradução: O ouvido esquerdo tinha 30%.



Nesta mesma configuração, pelo menos mais 2 unidades sintáticas apresentaram comportamento de marcação semelhante aos exemplos de a-b. Não ilustramos estes exemplos aqui, pois se apresentavam com a mesma lógica dos já mencionados. Contudo, também na ordem SVO, alguns verbos se comportavam com aspecto imperfeito e o objeto como genérico como por exemplo:

6) SVO: <PAÍS TEM UNIVERSIDADE>  
Tradução: O país tem universidades.



Neste exemplo, tanto o verbo como o objeto não apresentaram delimitação temporal ou contável. Isso nos mostra que não há uma restrição absoluta, mas esta variação pode estar relacionada com uma variável gramatical pragmática. Vamos detalhar isso ao final das análises de todos informantes.

Agora vamos prosseguir com a análise do informante B, que foi o que mais produziu sentenças com o objeto topicalizado com o verbo TER.

7) SOV: <IX(escola) IDEIA TER>: sobre a escola criar grupo de alunos especiais.  
Tradução: A escola teve a ideia.



unidade repetida 2x no texto: (S)OV: <(S) LIBRAS NÃO TER>: sobre a língua no passado.  
Tradução: (s) libras não tinha.



unidade repetida 3x no texto: (S)OV: <(S) ESCOLA PRÓPRIA SURDO NÃO TER>: sobre ausência de escolas bilíngues.

Tradução: (s) escola própria para surdos não tinha.



unidade repetida 2x no texto: (S)OV: <(S) DIFICULDADE TER>: sobre realidade do surdo na sociedade.

Tradução: Dificuldade tinha.



8) (S)OV: <(S) LEI NÃO TER>. sobre ausência da lei de libras no passado.  
Tradução: Lei não tinha.



9) OSV: <INTÉRPRETE PRÓPRIO UNIVERSIDADE NÃO TER>. sobre ausência de intérprete em universidades particulares.

Tradução: Intérprete próprio a universidade não tinha.



Nestes exemplos, assim como nos do informante A, o verbo TER também apresentou comportamento aspectual imperfectivo e objetos foram reproduzidos como genéricos, sem uma delimitação quantitativa. Outro fato detectado foi que em algumas sentenças, cuja ordem era SVO, havia noções de quantidade, como no exemplo:

10) (S)VO: <(S) TER 1, 2 COLEGAS ME AJUDAR>. sobre apoio na escola.

Tradução: (s) tinham 1, 2 colegas que me ajudavam.



Além deste exemplo, tiveram outras três produções semelhantes, as quais apresentavam alguma marcação de número semelhante ao exemplo acima, delimitando uma quantidade.

Apesar de a informante B produzir mais sentenças topicalizadas em detrimento da ordem canônica, e apresentar um contraponto contável e incontável entre as ordens SVO x SOV, respectivamente, ela também produziu sentenças na ordem SVO sem nenhuma marcação delimitada do verbo ou do objeto. Mais uma vez percebemos que estas restrições não são absolutas, apesar de se manifestarem. Esta hipótese foi reforçada quando analisamos as ocorrências do informante C, que apenas produziu o verbo TER na ordem canônica, na forma de aspecto atético e o objeto incontável. Nesta informante, estas variáveis não influenciaram nenhuma or-

dem topicalizada. Não ilustramos os exemplos desta informante, pois a relação dos elementos das unidades linguísticas foi semelhante ao comportamento representado na ordem SVO do informante A, ou seja, verbo TER imperfectivo e objeto incontável.

Este caso também ocorreu com o informante D, que produziu 14 unidades sintáticas com o verbo TER com aspecto imperfectivo e objeto, em grande parte, sem delimitação contável. Apenas uma ordem topicalizada foi identificada.

Nossas análises não apresentaram um resultado restritivo a respeito das variáveis relacionadas ao verbo e ao objeto. Porém, identificamos, sim, manifestações que corroboram as nossas hipóteses, afinal, todas as unidades topicalizadas do verbo TER apresentaram comportamento imperfectivo e delimitação incontável, ou seja, não mensuração do evento, nem do objeto. Esta aspectualidade também pode estar relacionada à própria natureza estativa do verbo, pois nas construções, o verbo TER, que apresenta tradicional relação de posse (SEILER, 1983), se estendeu a uma noção mais primitiva de existência (BARON; HERSLUND, 2001).

Também destacamos que somente em sentenças SVO foram identificados alguns casos de objetos contáveis, apontando que possivelmente uma delimitação do evento e do objeto fortaleceria a produção de uma ordem canônica.

A análise, proposta neste artigo, baseada também na variabilidade da ordem entre os próprios informantes, revela-nos que a não pontualidade do verbo e a falta de uma delimitação da massa do objeto abre uma lacuna na ordem, esta que pode ser preenchida pela variável gramatical pragmática: a proeminência. Neste ponto, acreditamos que esta variável subjetiva (contextual), em um contexto de imprecisão, acaba se tornando mais forte que uma variável objetiva (semântica), na qual o sinalizante vai construir a ordem da frase conforme a perspectiva que ele quer criar da cena, podendo destacar um elemento em detrimento do outro.

## Considerações Finais

Abordar o mecanismo da topicalização na língua como um fenômeno genuinamente icônico nos mostrou que não é tão fácil formular restrições semânticas precisas que legitimem uma regularidade icônica em detrimento de outra. Não é uma tarefa fácil, visto que concebemos, nesta pesquisa, a língua como função, ou seja, como um meio para alcançar propósitos comunicativos. Neste ponto, a pragmática se apresenta como um componente gramatical forte e aparentemente decisivo na escolha dos elementos linguísticos que desejamos expressar, em outras palavras, na ordem em que desejamos verbalizar. Apesar disso, como a língua é simbólica e se apresenta como um contínuo entre léxico, gramática e o contexto, fatores semânticos também atuam e contribuem para a organização de unidades sintáticas dentro do discurso. Todavia, o fator contextual muitas vezes é item de maior saliência. Esse foi o diagnóstico que extraímos da análise do verbo TER na Libras, o qual foi produzido dentro de um contexto específico e espontâneo. Porém, conforme apontamos, este mesmo verbo é polissêmico e talvez possa ter influenciado na forma como os elementos das unidades do discurso foram organizadas.

Como propomos desde o início, nosso objetivo era investigar as motivações semânticas e pragmáticas que subjazem e favorecem sentenças topicalizadas na Libras; então inferimos que o aspecto imperfectivo do verbo e a delimitação não contável são, aparentemente, algumas dentre estas variáveis de natureza semântica. Hipótese cabível, pois não identificamos em nenhuma sentença topicalizada um comportamento verbal télico ou um objeto contável. Contudo, uma aparente delimitação verbal e nominal também pode ocorrer em ordem canônica, permitindo-nos propor que uma variável pragmática é mais saliente que as variáveis semânticas.

Por fim, não estamos em busca de uma descrição formal da língua de sinais, pois pressupostos funcionalistas e cognitivistas já asseguravam que as línguas humanas são produções simbólicas e, conseqüentemente, o subjetivismo dos sinalizantes está inserido nas expressões linguísticas. A gramática da língua é naturalmente icônica, pois a organização das formas dos elementos evoca o significado conceptual subjacente. “1 Muitos universais linguísticos são tendências antes que restrições absolutas; 2. Elas podem ser explicadas; 3. Formalismo não é a

explicação” (HAIMAN, 1985, p. 8)70.

## Referências

BARON, I.; HERSLUND, M. **Semantics of the verb have**. In: Dimensions of Possession. Stanford: John Benjamins, 2001.

BATTISON, R. **Phonological Deletion in American Sign Language**. In: Sign Language Studies, v. 5, p. 1- 19, 1974.

BYBEE, J. **Diagrammatic iconicity in stem-inflection relations**. In: Iconicity in Syntax. Stanford: John Benjamins, 1985.

CUXAC, C. **Fonctions de l'iconicité**. In: B. Virole (dir.), Psychologie de la Surdit , De Boeck Universit , Paris-Bruxelles, pp. 189-198, 1996.

CUXAC, C. & SALLANDRE, M-A. **Iconicity and arbitrariness in French Sign Language: Highly Iconic Structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity**. In Pizzuto, E., P. Pietrandrea, R. Simone (eds.): /Verbal and Signed Languages: Comparing Structures, Constructs and Methodologies/. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

FELIPE, T.A. A estrutura frasal na LSCB. In: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**, Recife, 1989.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FINAU, R. **Os sinais do tempo e aspecto na libras**. 237p. Tese (Doutorado em Linguística) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

\_\_\_\_\_. **Uma análise do sistema quantitacional da Libras**. IN: Stumpf, M. R.; Quadros, R. M.; Leite, T. A. (Org.) Estudos da Língua Brasileira de Sinais. vol. 2 Florianópolis: Insular, 2014. p.119-144.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. GIV N, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: Iconicity in Syntax. Stanford: John Benjamins, 1985.

\_\_\_\_\_. **Funcionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GREENBERG, J. **Universals of Language**. Massachusetts: The M.I.T Press, 1966.

HAIMAN, J. **The iconicity of grammar: Isomorphism and motivation**. Language, 1980.

\_\_\_\_\_. **Natural Syntax: Iconicity and Erosion**. London: Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. **Transitivity in Grammar and Discourse**. Language, 1980.

JAKOBSON, R. **Implications of language universals for linguistics**. Universals of language, ed. by Joseph Greenberg, 2nd ed., 263-78. Cambridge, MA: MIT Press, 1966.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Harvard University Press, 1979.

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 1: **Theoretical Foundations**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 2: **Descriptive Application**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. **Cognitive Linguistics Research 1**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

\_\_\_\_\_. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **Investigations in Cognitive Grammar**. Mouton de Gruyter: Berlin, 2009.

\_\_\_\_\_. **Essentials of Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LIDDELL, S. K. **American Sign Language syntax**. The Hague: Mouton, 1980.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. **Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory**. In Susan D. Fischer & Patricia Siple (eds.), *Theoretical Issues in Sign Language Research*, 191–210. Chicago and London: University of Chicago Press, 1990.

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M.; SANDLER, W.: **Re-thinking Sign Language verb classes: The body as subject**. On-line proceedings of TISLR 9 conference, Florianopolis, Brazil, 2007.

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M.; SANDLER, W. **Competing iconicities in the structure of languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013.

PADDEN, C. A. **Interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. New York: Garland, 1988.

PEIRCE, C. **Philosophical writing**. Cambridge: Harvard University Press, 1932.

QUADROS, R. M. **Phrase structure of Brazilian sign language**. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SEILER, H. **Possession as an operational dimension of language** [Language Universals Series, 2]. Tübingen: Gunter Narr, 1983.

STOKOE W.C. **Sign language structure: as outline of the visual communication system for the American deaf**. Buffalo, Nova York: Buffalo University, 1960.

TAUB, S. **language from the body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

VIOTTI, E. C.. **Uma história para TER e HAVER**. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 34, p. 41-50, 1998.

WILCOX, S. **Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages**. In: *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, pp. 119-147, 2004.